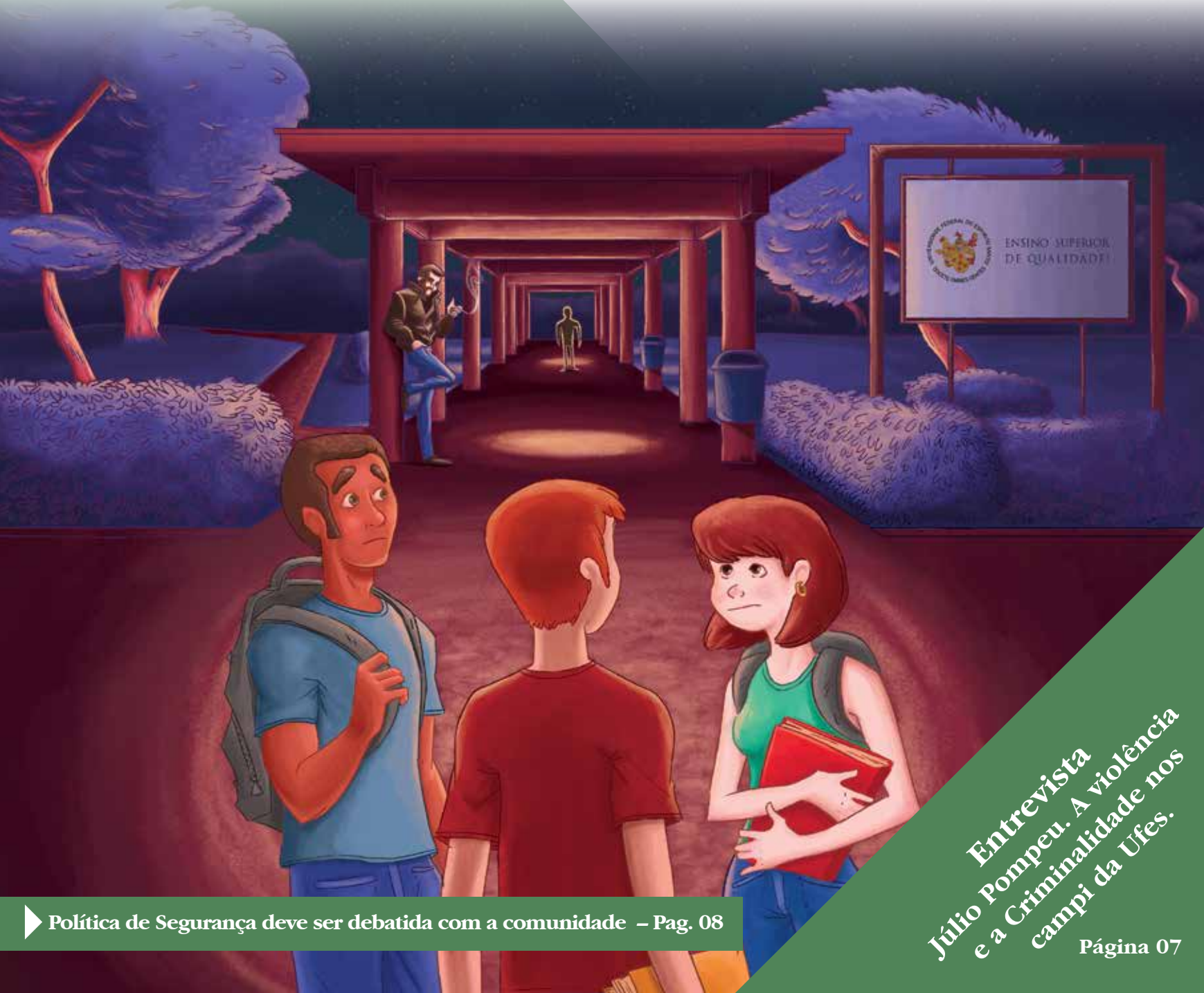


caderno

de NOTÍCIAS

Jornal da ADUFES - Associação dos Docentes da Universidade Federal do Espírito Santo . Seção Sindical do Andes . Sindicato Nacional - Vitória . Espírito Santo
Edição número 89 . Novembro/Dezembro 2012 / Janeiro 2013

Insegurança: comunidade acadêmica com medo



Segurança na Ufes: A comunidade acadêmica precisa ser incluída nessa discussão

A Ufes está entre as melhores universidades públicas e privadas do país, mas essa excelência, no entanto, está longe quando o assunto é segurança. Furtos de carros e equipamentos, acesso fácil a salas com materiais, assaltos à luz do dia. Há medo, vandalismo e vulnerabilidade no CCS, CCA, Ceunes, e, claro, em Goiabeiras. Embora as estatísticas da Universidade apontem para uma pequena queda no número de ocorrências, a sensação de insegurança aumentou.

Apesar da iniciativa da reitoria de implantar procedimentos como videomonitoramento – já encontrado na maioria das instituições de ensino –, a segurança desejada pela comunidade acadêmica vai além disso. Em função de casos de violência, que incluem estupro, continuam proibidas as festas nos campi da Ufes. A instituição suspendeu os eventos até que o Conselho Universitário aprove nova regulamentação. Há queixas gerais. A comunidade quer ser ouvida.

Outra polêmica envolve os posicionamentos sobre a ação efetiva da Polícia Militar na Ufes. A presença de forças militares no campus, não apenas em história longínqua, como também recentemente, nem sempre esteve relacionada à garantia de segurança e ao combate ao crime, mas sim à repressão aos movimentos sociais da Universidade. A comunidade universitária defende que a responsabilidade de preservar a integridade física das pessoas que circulam pela Ufes seja feita por uma se-



gurança própria da instituição, preparada para lidar com as particularidades de uma universidade, o que não acontece hoje.

Outro absurdo são as cobranças em cima do professor. Os casos de arrombamento de armários nas salas dos docentes são comuns em todos os campi. A universidade e a Polícia Federal têm conhecimento dos crimes que, no final do processo, não são resolvidos. E se o furto não envolve arrombamento, a responsabilidade ainda recai sobre o professor ou pelo responsável que detêm as chaves do local.

Para enfrentar esses e outros problemas, é preciso construir uma política de segurança em acordo com alunos, professores e técnico-administrativos. Há queixas de que a segurança atual é voltada apenas para o patrimônio, mas o discurso da Administração Central é que o maior patrimônio da Ufes é a comunidade acadêmica. É necessário que a Reitoria assuma sua responsabilidade e estabeleça um Plano de Segurança com Universidade, respeitando as

peculiaridades de cada campi.

Um planejamento, focado num estudo amplo dos problemas e, a partir daí, a elaboração de políticas efetivas, com ampla participação são um dos caminhos para fazer da Ufes um espaço público mais seguro. Portanto, esse debate é importante, é saudável e atinge a todos. Não queremos cercar a universidade, não queremos transformá-la em uma ilha, porque é preciso interagir com a comunidade, ser um espaço público, livre.

Nesta edição, o Caderno de Notícias fará um breve relato dos atos de violência e criminalidade que acontecem nos campi da Ufes. Tendo em vista a importância que o tema assume no cenário urbano e na universidade e a relevância dos textos desenvolvidos neste jornal, a diretoria da Adufes espera que as diferentes abordagens aqui apresentadas oportunizem discussões que contribuam para a criação de uma política de segurança séria e que envolva a comunidade acadêmica. Mas é válido destacar que as opiniões contidas no jornal não expressam, necessariamente, a opinião da diretoria. Boa leitura!

Diretoria da Adufes

EXPEDIENTE

Publicação da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Espírito Santo.
ADUFES - Seção Sindical do Andes - SN
Av. Fernando Ferrari, s/n, Campus Universitário, Goiabeiras, Vitória.ES
CEP 29060-900

Telefone: 27. 3335.2717
Telefax: 27. 3227.3908
www.adufes.org.br
adufes@adufes.org.br
comunicacao@adufes.org.br

José Antônio da Rocha Pinto
presidente

Temístocles de Sousa Luz
vice-presidente

Geraldo Rossoni Sisquini
tesoureiro geral

Thiago Drumond Moraes
1º tesoureiro

Rafael da Silveira Gomes
secretário geral

Bernardete Gomes Mian
1ª suplente

Susane Petinelli Souza
2ª suplente

Maria Daniela Corrêa de Macedo
3ª suplente

Jornalistas Responsáveis:
Giselle Pereira (Mtb 2644)
Vívica Fernandes (Mtb 447)

Designer Gráfico
Gustavo Binda

Ilustração de Capa
Antônio Sergio Nogueiro Neto

Tiragem: 3.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

Especial Segurança ▶

Campus de Goiabeiras: violência põe em xeque esquema de segurança

Casos de roubos, tráfico de drogas e outras ocorrências dentro do campus levam comunidade a cobrar mais segurança da Reitoria

A facilidade de entrada, a iluminação precária, poucos vigilantes fazendo ronda são apenas alguns dos fatores que compõem a extensa lista de problemas que vêm deixando alunos, professores e técnico-administrativos reféns da violência no campus de Goiabeiras, em Vitória. Não são raras as notícias de furtos, arrombamentos de veículos, assaltos e tráfico de drogas.

Os prédios, com equipamentos eletrônicos, são alvos frequentes de arrombamentos. O mesmo ocorre com os veículos nos estacionamentos. Muitos falam em roubo de CD e DVD Players e notebook. No final de 2011, o professor de Filosofia, Edebrando Cavaliari, estacionou no Centro de Ciências Humanas e Naturais

(CCHN) e, ao retornar de reunião no Conselho Universitário, por volta de 10h30 depa-rou com o carro danificado.

“Quebraram vidros e fechadura. Roubaram pertences, inclusive pendrive com aulas, artigos e pareceres do Conselho. Até aí nada demais, porque não tinha nada sigiloso”, lembra. O que mais o assustou é que, na época, ele exercia o cargo de diretor do CCHN e as chaves do prédio também foram levadas. As fechaduras tiveram que ser trocadas.

A culpa é da árvore. “Vi como a instituição está vulnerável. Para a segurança, a árvore impediu a visão das câmeras. Ou seja, a culpa foi da árvore”, ironiza. Na opinião do professor, é necessário estabelecer uma política de seguran-

ça eficiente e de convivência. “A segurança é um conjunto. Não bastam apenas cancelas, câmeras e outros artefatos. É

preciso envolver a comunidade acadêmica nesta discussão, fazer com que ela se reconheça como parte desta casa”, opina.



Ameaça está no ar

O professor de Música, Marcus Neves, conviveu com ameaças, tendo que registrar ocorrências na polícia e na Universidade. Tudo começou no final de 2011 quando pediu ao suspeito para deixar as dependências do prédio do Curso de Música, no Cemuni V, onde Marcus era coordenador. Desde então, convive com um inferno astral.

O ilustre desconhecido, inclusive, costumava usar as dependências do campus até como dormitório. “Estava no

prédio do Multimídia quando ele tentou me agredir”, lembra. Outra das abordagens ocorreu em um shopping. De acordo com Marcus, o rapaz passou de bicicleta, o reconheceu, indo logo tirar satisfação. “Vou te pegar. Sei que é professor”, disse, sendo contido pelos seguranças do estabelecimento. “Isso é grave. A universidade precisa ter controle mais rígido de quem entra e sai de suas dependências”, desabafa. Ele lembra que nem todos os casos são denunciados. “Às vezes, as pessoas ficam traumatizadas e receiam a exposição”, lamenta Marcus.

Perigo noturno: insegurança assombra comunidade acadêmica

Para quem estuda ou trabalha à noite no campus de Goiabeiras, os perigos são ainda mais evidentes. A estudante do 5º período de Biblioteconomia Larissa Rodrigues, 22 anos, foi ameaçada com uma faca por um jovem que exigiu celular e dinheiro. O assalto ocorreu, às 19h, próximo à Biblioteca Central.

“Estava escuro. Havia lâmpadas queimadas e nenhum vigilante por perto. Ele ameaçou me matar caso olhasse para trás”, lembra aterrorizada. Com extensa área de 1.592.545 m² e cercada por

manguezal, o campus conta com pontos mal iluminados e enormes espaços vazios, sem circulação de pessoas.

“Circular pelo campus sozinha, nem pensar. Principalmente na saída das aulas, procuramos andar em grupo”, diz a universitária. Os riscos continuam nos pontos de ônibus da Avenida Fernando Ferrari. Nas paradas de ônibus que ficam do outro lado da pista, ainda mais precaução. Muitos preferem esperar em frente à universidade e se arriscam correndo quando o ônibus passa.



Estudantes universitários andam em grupo com medo da violência.

Foto: Comunicação Adufes

Violência e Crimes nas Universidades Federais



Divulgação

Vigilante é flagrado com cocaína na Universidade Federal de Sergipe (SE), 2010. O Departamento de Narcóticos (Denarc) prendeu um vigilante da universidade UFS pelo envolvimento com o tráfico de drogas. O vigilante foi preso no momento em que estava na guarita principal que dá acesso ao campus universitário.



Kauê Scarim

Protesto de estudantes da Ufes contra o aumento da passagem, 2011. Estudantes lutam pela redução no preço da passagem e são bombardeados pelo Batalhão de Missões Especiais (BME) dentro da Ufes. Mais de 4 mil estudantes saem às ruas para protestar contra a violência policial e reivindicar melhorias no transporte público urbano.

Campus de Maruípe sofre com precariedade e descaso

A falta de segurança no campus de Maruípe, em Vitória, é antiga, inclusive em seu entorno

Ladões, armados com facas ou revólveres, emboscam os jovens na entrada e saída das aulas. “É aprender a conviver com a insegurança ou então desistir de estudar”, o desabafo é da estudante de Fisioterapia, Dayse Karoline, que foi assaltada na saída da instituição.

E não é preciso uma pesquisa científica para descobrir como o complexo acadêmico está desprotegido. É andar por lá para perceber que há poucos seguranças, ausência total de câmeras e controle dos veículos. Uma das guaritas do Centro de Ciências da Saúde (CCS) está com vidros quebrados, revelando o abandono e a precariedade do esquema de segurança.

“Vi um rapaz ser baleado na descida do Hospital das Clí-

nicas (Hucam) e outro colega ameaçado com caco de vidro. Os seguranças nada fazem. Alegam que são contratados para proteger os bens da Universidade”, desabafo a técnica em laboratório do Hospital Universitário (Hucam), Jussara Bezerra.

Soa irônica tal afirmação por parte da vigilância, uma vez que a Administração Central costuma ressaltar que o maior patrimônio da Universidade são as pessoas. Discurso ou não, o que se nota é que nem mesmo a proteção dos bens materiais vem sendo feita a contento.

Carros são arrombados nos estacionamentos. Em abril do ano passado, a coordenadora do curso de Fonoaudiologia, Carolina Fiorim Anhoque, teve o carro arrombado e, o notebook levado. O crime

ocorreu à tarde, quando o lugar ainda estava movimentado. Até então, a docente acreditava que o estacionamento do CCS era seguro, mas estava enganada. “A gente vem para cumprir nossas obrigações acadêmicas, mas não temos segurança em nosso

local de trabalho”, reclama. No computador havia aulas, além de históricos e exames de pacientes da fonoaudióloga. Foi feito o boletim de ocorrência (BO) e comunicado à Ufes. A identidade dos criminosos permanece desconhecida.

Mini cracolândia no campus de Maruípe: clima é de medo



Próximo ao local onde são mantidos os animais para estudo (bióterio) há uma escadaria que dá acesso direto à Avenida Marechal Campos e ao Bairro da Penha - região conhecida pela disputa do tráfico e cenário de constantes tiroteios - já se tornou território livre para os dependentes de

crack. O vai e vem na escadaria já impõe mudanças na rotina de alunos e professores.

“A gente evita circular por lá temendo agressões ou abordagens”, diz uma estudante do CCS. Outro que está preocupado com a situação é o professor de Anatomia, Athelson Bittencourt, “Isso mostra como estamos vulneráveis. Os seguranças vão até eles, mas não adianta”, afirma o docente.

Toque de recolher é rotina no campus de Maruípe

Depois das 17 horas, ninguém se arrisca a ficar no CCS. Funcionando em um prédio anexo ao Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (Hucam), o local é visto como “perigo à vista”. Fica difícil e arriscado até mesmo frequentar a biblioteca do lugar. A falta de iluminação favorece a ocorrência de assaltos e furtos.

“Muitas vezes o pessoal, principalmente das pós-graduações, quer ficar até mais tarde. Eu não deixo, mando todo mundo embora porque é perigoso”, ressalta o professor de Bioquí-

mica, Joselito Nardy Ribeiro. Temeroso, ele instalou por conta própria alarme no laboratório de pesquisa de Bioquímica e Biofísica onde atua.

Sinalização precária. Outra queixa é a sinalização na área. Pelas dimensões do parque universitário - que engloba o CCS e o Hospital Universitário - é comum encontrar gente perdida. “São usuários, atrás de exames ou de atendimento médico, que não sabem para onde ir. A gente é que tem que orientar, ajudar a pessoa a achar o caminho”, critica Joselito.

Diante da fragilidade no campus e preocupado com a valorização do que é público, o coordenador do Museu Ciência da Vida (MCV) da Ufes, professor de Anatomia Athelson Bitten-

court decidiu ele mesmo proteger as peças raras da coleção.

Athelson captou recursos e instalou câmeras, alarme e antena antifurto no MCV. O museu recebe 5 a 6 mil pessoas/ano.



Foto: Comunicação Adufes

Peças do Museu da Vida no CCS são protegidas por alarme de segurança.

Violência e Crimes nas Universidades Federais



Divulgação

Estupro na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), abril. Estudantes da UFJF se reuniram em frente ao Restaurante Universitário, em um ato de repúdio ao caso de estupro ocorrido em 2012, durante festa de recepção aos calouros do Instituto de Artes e Design.



Divulgação

Aluno agride professora a socos na Universidade Federal do Rio Grande do SUL (RS), abril. O estudante de 27 anos foi condenado a dez anos e seis meses de prisão por ter agredido com socos e cadeiradas, uma professora durante uma aula na UFRGS.



Foto: ABE

si
(S
as
na
m
ec
oc
ur

Campus de Alegre convive com criminalidade e violência

Mesmo localizado no interior, o Centro de Ciências Agrárias (CCA), Sul do Estado, convive com o medo

A preocupação com segurança já chegou aos campi do interior do Estado. A comunidade acadêmica do Centro de Ciências Agrárias (CCA), em Alegre, reclama da falta de planejamento do espaço, da iluminação precária e ausência de cercamento nos limites geográficos da unidade. Tudo isso torna o campus mais suscetível a ações criminosas.

A sugestão da comunidade é que seja feito um controle de acesso ao campus, inclusive de entrada e saída de veículos. Além disso o CCA precisa de demarcação dos seus limites, como muros ou cercas.

De acordo com o professor Douglas Severo, do curso de Medicina Veterinária, o centro é ainda mais inseguro à noite.

“O clima de vulnerabilidade é maior porque há pouca iluminação”, diz. Para ele, a ausência de muros no CCA permite a entrada de pessoas estranhas. “A segurança no campus é um assunto que deve ser discutido com urgência por toda comunidade universitária”, defende.

Ocorrências. De acordo com a Coordenação Administrativa e de Manutenção do campus de Alegre, em 2012, foram registrados poucos casos de furtos e arrombamentos. Mas, para um professor que prefere não se identificar, o número de ocorrências está muito acima dos registros. “Eu mesmo não registrei o furto que sofri e conheço outras vítimas que fizeram o mesmo”, relatou, garantindo que não



Foto: Comunicação Adufes

A comunidade reclama da falta de planejamento e da má iluminação nas dependências do CCA.

são raros os casos de furtos e roubos, inclusive ao patrimônio público.

Estudantes correm riscos de assalto. O CCA possui áreas experimentais no distrito de Rive e nos municípios de São José do Calçado e Jerônimo Monteiro. Além dos problemas

de iluminação nessas unidades, os estudantes sofrem com a falta de transporte universitário.

“Temos que pegar caronas com desconhecidos, correndo o risco de assaltos e estupros”, diz Larissa Calabrez, representante do Centro Acadêmico de Medicina Veterinária.

Comunidade acadêmica do Ceunes sofre com o isolamento

O modelo urbanístico adotado no Centro Universitário do Norte do Espírito Santo (Ceunes), em São Mateus, privilegia o isolamento geográfico entre a comunidade acadêmica e a população local. O campus está situado no bairro Litorâneo e fica a 8 km da área urbana. À noite, o local é escuro e com pouca circulação de pessoas.

Segundo o professor do departamento de física do Ceunes, Raphael Góes Furtado, a iluminação é tão precária que o local mais parece uma “cidade fantasma”.

Na avaliação do professor Raphael é importante que a Ufes discuta uma política de segurança que leve em consideração as especificidades de cada campus. “Os campi estão situados em locais distintos e têm realidades diferentes. Não dá para ter um projeto único de segurança”, lembra.

Comunidade universitária critica a falta de atividades de vivência com a população local. A estudante do curso de Engenharia de Produção, Ana Luiza Simbi, salienta que acontecem poucas atividades



Foto: Comunicação Adufes

O modelo urbanístico do Ceunes é segregado e com baixa densidade de ocupação.

que envolvem a comunidade acadêmica e a população de São Mateus. “Estamos isolados aqui no bairro Litorâneo. Parece que o conhecimento é o fim

em si mesmo, pois não há interação com os moradores e nos finais de semana, o campus fica muito vazio”, diz. Para ela, lugar vazio, é perigoso.

Estudante é assassinado dentro da USP (P), maio. O discente foi assassinado com um tiro na cabeça, no estacionamento da faculdade de Economia da USP, zona oeste de São Paulo, após uma tentativa de assalto.



Peu Ricardo

Banco da UFRPE é alvo de assalto (PE), julho. Um homem morreu ao trocar tiros com a polícia, durante uma tentativa de assalto a uma agência bancária instalada dentro da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).



Fernando Priamo

Estudantes fazem protesto no campus da UEJF (MG), outubro. A manifestação ocorreu no campus em protesto contra a agressão sofrida por um aluno de engenharia elétrica, cometida por vigilante da guarda patrimonial da universidade.

Modelo urbanístico da Ufes favorece ações de violência

As estruturas dos campi privilegiam o isolamento dos centros e a ocorrência de atos de violência.

A distribuição espacial adotada pela universidade nos campi propicia a criação de áreas degradadas que têm contribuído para o aumento da criminalidade, inclusive nos campi do interior do Estado, onde a tranquilidade é coisa do passado.

Para o diretor do Centro de Artes e Especialista em Planejamento Urbano, Paulo Vargas, no campus de Goiabeiras, por exemplo, existem muitos pontos geradores de insegurança. “Temos unidades isoladas, como os centros, que estão em áreas intermediárias entre os prédios dos departamentos. Entre os edifícios há espaços

vazios que podem servir de esconderijos para ações criminosas”, pontua Paulo.

Nesse contexto, segundo o professor, é necessário que à Ufes desenvolva medidas voltadas contra a prática de crimes a pessoa e ao patrimônio. “Para a execução de ações preventivas é necessário que se faça uma avaliação das características da infraestrutura, das edificações, da permeabilidade visual e das condições de iluminação”, enumera. Segundo Vargas, sem esse levantamento prévio qualquer medida de segurança não terá nenhum efeito garantido.

Distribuição de árvores nos campi é alvo de crítica.



Foto: David Protti

Campus de Goiabeiras possui espaços inseguros com vias de acesso formais e não-formais.

Na avaliação de Paulo Vargas, os espaços naturais da Ufes foram mal planejados. “A criação de áreas com plantas de pequeno e grande porte devem

ser feitas de forma ordenada para que não haja a formação de conjuntos arbustivos fechados e que sejam refúgio para criminosos”, salienta.

Estudantes exigem melhores condições de segurança nos campi

No ano passado, após ocorrência de atos de violência e de crimes cometidos no campus de Goiabeiras, o do Diretório Central dos Estudantes da Ufes (DCE), exigiu da reitoria a criação de um Conselho de Segurança para a universidade. Até o momento, no entanto, a reitoria se mantém no silêncio.

Tal atitude vem relegando a discussão de uma política de segurança que contemple o pleno funcionamento dos cursos, principalmente aqueles que são ofertados no período noturno. “É preciso adotar políticas de ocupação do espaço, iluminação e paisagismo seguros. Essas são apenas

algumas das possibilidades para diminuir a violência nos campi”, opina a diretora de Organização do DCE, Naiara Abdalla.

Pauta Local. A universitária lembra que, no ano passado, durante o período de greve estudantil, o DCE protocolou a pauta de reivindicação local. “O documento reitera, uma vez mais, a necessidade de se garantir a segurança daqueles que frequentam às dependências dos campi. E, ao mesmo tempo, exigimos o nosso direito de livre manifestação e o acesso da população em geral aos espaços da universidade”, defende.



Foto: Comunicação Adufes

Professores, estudantes e técnico-administrativos apresentam a pauta local à reitoria da Ufes.

Universidade aberta. Para que haja um ambiente mais seguro, a representante do DCE sugeriu a ocupação dos espaços de vivência. “A Ufes deve ser um espaço para além da sala de aula, em que se desen-

volva atividades culturais com a comunidade acadêmica e local. Quanto mais pessoas circularem entre as dependências da universidade, mais difícil será a ocorrência de assaltos e furtos”, defendeu Naiara Abdalla.

Violência e Crimes nas Universidades Federais



Paulo Araújo

Sequestros-relâmpagos assustam comunidade acadêmica da UFRJ (RJ), outubro. A onda de sequestros-relâmpagos na Ilha do Fundão mudou o comportamento de estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que passaram a circular em grupo com medo de assaltos.



Divulgação

Estudante da Universidade Federal do Ceará (CE) tem carro arrombado, novembro. O aluno do curso de odontologia teve os materiais das aulas práticas do curso levados durante o furto, que aconteceu pela manhã.

Entrevista ▶

Júlio Pompeu. A violência e a criminalidade nos campi da Ufes

Em entrevista concedida ao Jornal Caderno de Notícias, o professor do Departamento de Direito da Ufes, Júlio Pompeu, abordou as questões que envolvem a violência e a criminalidade nos campi da Universidade.



Foto: Divulgação

Júlio Pompeu é professor de ética do Departamento de Direito da Ufes.

▶ **Professor, a que atribui o crescimento da criminalidade nos últimos anos no Brasil e no Espírito Santo? Quais os reflexos disso nos espaços da universidade?**

A criminalidade é um fenômeno social. Isto quer dizer duas coisas. Primeiro, que o critério que define crime, é claramente social. Prova disso é o fato de sociedades diferentes e em épocas diversas qualificarem condutas distintas como crime. Em resumo, não há uma natureza do ato criminoso e sim uma construção social do que é e não é crime.

Em segundo lugar, o crime é social porque a lógica de seu acontecimento, a dinâmica de sua história é socialmente circunscrita. Isto significa que modos específicos de existência social produzem modos específicos de relações. Isto posto, quaisquer oscilações nas quantidades de crimes são consequências destes dois fatores. Vejamos como isso ocorre: uma característica da cultura capitalista é o apelo a máquina punitiva do Estado para a resolução de problemas que são sociais. Outro nome para este

fenômeno é a criminalização dos problemas sociais.

Como o sistema econômico promove acumulação de capital, os excluídos tornam-se um problema social, cuja solução mais simplista é eliminá-los e a máquina de exclusão é o sistema penal. Consequência deste tipo de cultura é que as sociedades capitalista tendem a aumentar o número de condutas descritas como crime, o que, por si só, aumenta o número de presos e o de registros de violência.

▶ **O ambiente universitário costuma ser visto como uma espécie de lugar "sagrado". Por que existe violência dentro da Universidade?**

A Universidade é lugar não só de reprodução de conhecimentos, mas também de produção. E a produção de conhecimentos requer espírito transgressor. Transgressões de ideias, de teorias já postas, de modos de fazer e de viver. Mas este ambiente requer também tolerância e respeito como condição de ética de conciliação entre transgressão e inovação.

Estes são valores que definem não apenas aqui, mas em qualquer Universidade. Ao mesmo tempo, apesar dessas singularidades, a Universidade não é um mundo completamente isolado do resto. Se na sociedade valores como tolerância e respeito têm sido preteridos por amores-próprios egocêntricos e a intolerância para com os diferentes então é natural que isso afete nosso equilíbrio cultural e a transgressão a se tornar mais violenta e o resultado mais destrutivo do que inovador.

▶ **Como construir alternativas para a superação desta realidade de violência?**

O problema é ético. Devemos reforçar quotidianamente o equilíbrio entre transgressão e inovação. Para isso, não podemos usar de atitudes policiais e autoritárias que inibam o espírito transgressor. Por outro lado, atitudes de intolerância e desrespeito devem ser coibidas, ao passo que as de tolerância e respeito, incentivadas.

▶ **Os casos que acontecem no território da universidade são relativamente menores que no restante da cidade, mas sempre causam muito mais repercussão e reações em toda a sociedade. Por qual motivo?**

Há quem veja a Universidade apenas pelo aspecto físico, como um grande parque público. Outras a vêem pela sua função de grande escola, um local de reunião de jovens e de aprendizado. Em quaisquer destes casos, as imagens são incompatíveis com a de violência e criminalidade. A

consequência é que, quando se fala que um crime aconteceu no campus, isso tenha uma característica de algo extraordinário ou inusitado.

▶ **E quanto à proibição de festas?**

▶ É um desrespeito ao espírito transgressor. Não garante segurança do campus, mas a da administração que não será responsabilizada por ocorrências em eventos desautorizados. Entendo que a proibição tenha caráter provisório. Uma resposta radical a um problema que a Ufes não estava preparada para enfrentar. Isto justifica a medida, mas não a perpetuidade. A questão não é fazer ou não festas, mas ser ou não responsável por suas atitudes, seja em festas ou em qualquer outra atividade no campus. Defendo que as festas sejam permitidas no futuro, mas que sejam condicionadas à existência de responsáveis pelo seu controle. Só se aprende a ser responsável o sendo.



Foto: Comunicação Adufes

Movimento Minha casa, minha Ufes. No ano passado, sem muito diálogo, os estudantes foram expulsos do acampamento no prédio do Elefante Branco (CCHN).

Política de segurança deve ser discutida com ampla participação

Para debater o tema, a comunidade precisa criar espaços de discussão.

A Administração Central tem demonstrado pouca habilidade para lidar com as questões que envolvem a construção de uma política de segurança universitária. O atual modelo não tem capacidade de representar os distintos segmentos universitários e, tampouco, de lidar com conflitos, movimentos e experiências sociopolíticas que dela emergem. A comunidade acadêmica precisa ser incluída nessa discussão.

É o que defende o professor do Departamento de Filosofia, Mauricio Abdalla. Para ele, esse debate deve ser democrático. “É a comunidade que está envolvida, portanto, ela deve ser chamada para elaborar os princípios da política de segurança”, defende. Porém, o fato é que a direção da Ufes não conseguiu até agora desenvolver uma gestão participativa.

E a questão de segurança nos campi tem ficado restrita à administração central.

Particularidades dos polos universitários. “As unidades acadêmicas que ficam no Sul, no Norte e na Grande Vitória, ainda que situadas no mesmo Estado, possuem realidades distintas. A reitoria deve ouvi-las para implantar uma política que contemple os aspectos gerais e específicos dos campi”, afirma Abdalla.

A universidade não é uma ilha. A Ufes, enquanto espaço público de ensino, pesquisa e extensão, faz parte do contexto da cidade, inclusive quanto à violência. Portanto, não está isenta de crimes e atos violentos. “A universidade não é área privilegiada, que está livre dos impactos sociais, culturais e econômicos. A academia precisa ressignificar a violência, por-



Foto: Comunicação Adufes

Durante a greve, em 2012, a comunidade acadêmica também reivindicou melhores condições de segurança nos campi da universidade.

que ela está presente em todos os lugares”, diz o professor aposentado do Departamento de Ciências Sociais e pesquisador de Violência Contemporânea da Ufes, Erly Eusébio dos Anjos.

Segundo Erly, a violência também acontece na Ufes porque há pouca relação entre sociedade e universidade. “A en-

tidade precisa criar mais ações para aqueles que estão de fora possam participar do ambiente universitário, dando um novo sentido ao espaço. Pensando assim, a universidade aberta as demandas sociais não será apenas a Ufes, mas a nossa universidade”, observou Erly Eusébio dos Anjos.

Prefeito Universitário diz que ocorrências diminuíram

Segundo a estatística oficial, os furtos de equipamentos sem arrombamentos em Goiabeiras caíram 400%. “Em 2011 tivemos 56 registros. De janeiro a novembro de 2012 foram 14 casos”, garante o prefeito Universitário, o engenheiro Luiz Heleno Ferraciol. Os furtos de bicicletas aparecem depois, com 32 casos em 2011 contra cinco no ano passado. Já os arrombamentos nos prédios somaram 26 contra 11. Foram, ainda, quatro assaltos em 2011, contra dois no ano passado. Os arrombamentos de veículos continuam altos: seis contra cinco registros nos dez primeiros meses de 2012.

Para tentar diminuir a sensação de insegurança, a Ufes adquiriu 820 novas câmeras e

para todos os campi. Em breve, segundo ele, os tiquetes de papel das cancelas serão substituídos por uma espécie de crachá de identificação. Câmeras farão o reconhecimento dos condutores e das placas dos veículos. Além dos dois campi de Vitória, as câmeras também serão instaladas em Alegre e São Mateus.

Na opinião do primeiro tesoureiro da Adufes, Thiago Drumond, para enfrentar os fenômenos da violência e da criminalidade são necessárias mais do que a aquisição de novas ferramentas de segurança. “Em face da violência que transformou a vida cotidiana numa barbárie, a sociedade pede soluções. Não por um modelo mágico, mas por uma

política séria e comprometida com as causas sociais”, disse.

O docente acredita que a estatística oficial não pode ser considerada um retrato dos problemas da violência. “Todos que trabalham com dados oficiais reconhecem a precariedade dos registros. Sendo assim, não é porque os números apontam para a redução de índices de violência que, de fato, está em declínio. Daí a importância de cuidado na produção das informações, o que parece ser uma deficiência histórica na gestão da coisa pública neste país”, ressaltou.

Sorria, você está sendo filmado! O diretor da Adufes também questionou o uso das imagens feitas com as câmeras de monitoramento da Ufes.

“É preciso avaliar pelo menos dois pontos: o primeiro é a tensão entre o direito à privacidade e o direito à segurança provocada pelo fenômeno do uso do videomonitoramento. E o segundo, está relacionado ao controle social da imagem”, disse.

Nesse último ponto, ele chama atenção para os possíveis usos das imagens por pessoas que, se aproveitando do acesso, permitido ou não, oficial ou não, a esse banco de dados, podem utilizar as informações para ações que são, no mínimo, questionáveis. “Para contribuir no encaminhamento dessas questões, a mobilização e as sugestões da comunidade acadêmica devem ser imediatamente viabilizadas”, salientou.